

Artigo



## A INVENÇÃO DE UM OLHAR: JEAN DE LÉRY E OS TUPINAMBÁS

Wilton C.L. Silva \*

### Resumo

A partir do relato de viagem de Jean de Léry ao Brasil, estabelecemos uma abordagem histórico-cultural para enfatizarmos formas de percepção e descrição da diversidade da natureza brasileira. Nosso enfoque permitiu a caracterização de diferenciadas percepções de mundo e formas de vínculo do narrador com o seu tempo, a natureza e os objetos que os cercam, entre significativos contrastes e sutis nuances. A narrativa de Jean de Léry, *Viagem à Terra do Brasil* (1578), permite identificar os elementos constitutivos de uma visão de mundo em que se fundem os referenciais renascentistas, os ideais calvinistas e um raro relativismo cultural, que estrutura um discurso baseado

### Abstract

Starting from the report of travel of Jean de Léry to Brazil we established a historical-cultural approach for us to emphasize the perception forms and description of the diversity of the Brazilian nature. Our focus allowed the characterization of having differentiated world perceptions and forms of the narrator entail with your time, the nature and the objects that surround them, between significant contrasts and subtles nuances. The narrative of Jean of Léry, *Viagem à Terra do Brasil* (1578), it allows to identify the constituent elements of a world vision in that are founded the renaissances references, the calvinist ideals and a rare cultural relativism, that structures a

\* Mestre em Sociologia (UNICAMP), Doutor em História (UNESP – Assis), onde defendeu tese sobre a natureza brasileira na narrativa de viajantes (Léry, Antonil e Burton), professor da UNIMEP (Campus de Lins, SP). E-mail: professor@pepostal.com

no jogo de semelhanças e que aponta para uma verticalidade da análise, hierarquizando culturas, religiões e elementos da natureza.

**Palavras-chave:** *Natureza; Literatura de Viagem; Viajantes; Jean de Léry, Brasil Colonial.*

speech based on the game of likeness and that appears for a vertical level of the analysis, hierarchical cultures, religions and elements of the nature.

**Keywords:** *Nature; Literature of Travel; Travelers; Jean de Léry, Colonial Brazil.*

“Dêem graças ao Senhor pela sua benignidade, e pelas suas maravilhas para com os filhos dos homens! Ofereçam sacrifícios de louvor, e relatem as suas obras com regozijo! Os que descem ao mar em navios, os que fazem comércio nas grandes águas, esses vêem as obras do Senhor, e as suas maravilhas no abismo.”

(Salmos, 106:21-24)

### 1. A viagem e a literatura no século XVI

Embora a problemática da viagem seja comum a todas as épocas da história da cultura, durante a transição entre a Idade Média e a Idade Moderna ocorre uma nítida ruptura. Essa ruptura se processaria, tanto pela incorporação à idéia de errância medieval dos referenciais de busca de riquezas e lucros, quanto pela afirmação de uma nova relação entre o europeu e os habitantes do restante do mundo, com a estruturação de uma visão subjetiva e etnocêntrica (hierarquizando o destinador e o destinatário na relação de encontro civilizatório) que será indelével nos séculos seguintes.

O conceito de “literatura de viagens”, chama a atenção (Dias, 1997), é complexo e divide opiniões, pois se trata de uma classificação recente, que busca incorporar de forma autônoma um universo literário (e também cartográfico e iconográfico) constituído por um *corpus* de textos, cujas balizas cronológicas se situam entre o século XV e o XIX e cuja natureza é interdisciplinar, englobando a antropologia, a geografia e a história.

Tal *corpus* é integrado por obras escritas por participantes ou testemunhas presenciais dos acontecimentos narrados, que se identificam por temas

característicos: a descrição da alteridade geográfica e humana que a experiência ultramarina proporcionou, a revelação pela escrita de uma paisagem exótica (oriental e tropical) e da imagem do Outro, de uma humanidade diferente, com culturas, crenças, governos e costumes próprios.

As navegações ultramarinas européias revelam uma curiosidade sobre o mundo que, na verdade, representa uma ruptura das estruturas medievais.

Não só se revelam inovações tecnológicas, transformações econômicas e mudanças políticas, mas também uma nova cultura: as solidariedades locais da organização social autocentrada e o imaginário fabuloso e mítico medieval cedem espaços para uma visão antropocêntrica e cosmopolita que vai, lentamente, transformar a curiosidade diletante em busca do conhecimento, o empírico em experimental e os dogmas em teorias e hipóteses.

O processo de construção do mundo, no entanto, constitui-se em dois níveis, o material e o simbólico sendo este último o mundo da palavra que, por definição, é o vasto continente dos literatos. Falar sobre é tornar real, e o discurso dos viajantes é um esforço de dar realidade e inteligibilidade, ao que se vê através de uma espessa camada de representações, em que versões são superpostas a fatos, evidenciando como “as culturas se olham e olham as outras, como estabelecem igualdades e desigualdades, como imaginam semelhanças e diferenças, como conformam o mesmo e o outro.” (Belluzzo 1996, p. 10).

Ao longo da transição entre o medievo e a modernidade, o caráter excepcional dos relatos de viagens medievais por terra é substituído pelo caráter sistemático que eles assumem durante a idade moderna quando a instância marítima domina a semantização da narração em que se percebe uma produção muito expressiva de diários de bordo e de roteiros de viagem misturados a narrativas onde estilos se mesclam, fundindo constantemente, diário, roteiro e narrativa.

Uma questão fundamental é a percepção de que, nessa fusão, a instância narrativa vai se autonomizando em relação ao teor pragmático dos textos, dando corpo a uma produção sistemática que corresponde tanto aos apelos

de ordem político-diplomática (como as cartas), como à demanda de um consumo mais “popular” (como acontece com os relatos de naufrágios). Mas, percebe-se também, uma ligação direta entre esse tipo de literatura e a doutrina da “observação imediata, da presença testemunhal e da ‘experiência, que é madre das cousas’”, com a absorção crescente de um espírito crítico laicizante, que se afasta da doutrina da imitação para seguir a especificidade das diferenças e da reflexão sobre elas. (Seixo 1996, pp. 122-123)<sup>1</sup>

Estas narrativas de viagens, ao fazerem a ponte entre um mundo vivenciado e outro não conhecido, ao darem familiaridade ao que não é familiar, ao se apropriarem do que é domínio do outro, ganham uma dimensão fabulosa, dimensão que promove a rica e eficaz interseção entre o vivenciado e o idealizado.

Os relatos de viajantes passam a circular intensamente pelo Velho Mundo, com o surgimento de sociedades e instituições destinadas à sua popularização, embora, como literatura, tenha tido penetração em todas as camadas sociais, tanto na sociedade cortesã, como entre setores intermediários e classes populares.

“A revelação pela escrita de uma paisagem humana, geográfica e cultural exótica, não codificada literariamente, é transmitida numa linguagem simples, que não se dirigia ao público letrado e sim ao leitor comum, ávido de notícias sobre as novas terras descobertas. É por esta via que estes textos sobre a vivência do cotidiano no e além-mar (sic) são integrados no sistema literário, traduções privilegiadas do saber, representação e sentido do mundo de então.” (Dias 1997).

---

<sup>1</sup> Chama a atenção a forma como a influência clássica greco-romana, pilar do Renascimento Cultural, se faz presente em obras tão díspares em finalidades e estilos como nos escritos de viajantes, nos trabalhos dos cronistas ou em obras como as de Rabelais e Montaigne, o que demonstraria uma complexidade multi-sistêmica do período. (Seixo 1996, p.123, nota 1) chama a atenção, em nota de rodapé, para essa idéia, a noção de polissistema, que seria “fundamental nos estudos culturais para o entendimento homogêneo de dados de proveniência disciplinar diversa, de modo a serem considerados com certo rigor e a furtarem-se aos perigos da disparidade de materiais e de interpretação analógica.”

Tal literatura, ao menos inicialmente, incorpora o fantástico de forma bastante proeminente, tanto nos relatos das terras do Oriente, como nos relatos das terras americanas, “com seus campos fertilíssimos, um clima de perene primavera, a Fonte da Juventude, a Árvore do Bem e do Mal e o grande rio dividido em quatro braços, ora a terra inóspita, despovoada ou pior, habitada por seres disformes ou monstruosos”. (Leite 1996, p. 34)

Em um primeiro momento, essa forma de literatura ajuda, inclusive, a “tecer a curiosa teia em torno da qual as utopias traçam as suas imagens e idéias de um mundo melhor, forma natural de protesto contra um mundo em transformação”, mas ao longo do tempo, “não cessa de se desenvolver, atravessa o seiscentos e o setecentos, chega ao oitocentos” com um novo perfil, onde os relatos de aventureiros e comerciantes cedem lugar a “viagens prolongadas, obedecendo a critérios sistemáticos e fins determinados (...) feitas por sábios de diversas nações, à procura de elementos ou dados para as suas pesquisas particulares e especializadas.” (Sodré 1960, p. 317).

O século XVI, que marca o início dessas viagens, é um século embevecido numa atmosfera onírica, em que a viagem é sempre parte de um sonho ligado ao movimento, à fuga, já que o cotidiano transcorria de forma profundamente estática e opressiva. A imaginação com muita força torna-se uma forma de deslocamento, na qual o espaço onírico, o edênico e as notícias contraditórias constituem e mantêm o movimento.

Muitas vezes, nas análises historiográficas, os relatos dos cronistas e dos viajantes são reduzidos a uma relação mecanicista entre os discursos e os contextos em que esses documentos históricos foram produzidos, existindo uma clara simplificação, através de modelos fechados e incapazes de dar conta das particularidades discursivas e da multiplicidade das práticas culturais<sup>2</sup>. Ou através de uma não-historicização, tais relatos são identificados

---

<sup>2</sup> O conceito de realidade polissistêmica, assim como as contribuições das análises feitas pela história das mentalidades, e mais recentemente, pela chamada Nova História Cultural são modelos possíveis de afirmarem outras interpretações, valorizando a polifonia do discurso historiográfico.

como o resultado de qualidades pessoais particulares, o que permite desvendar de forma única a complexa realidade brasileira, reduzindo-os a documentos descritivos.

O texto quando é historicizado, deve ser percebido como parte de um processo discursivo, um disciplinamento em que idéias são lapidadas, hierarquizadas, ordenadas e domesticadas, constituindo-se como projeção da forma de leitura inserida em um processo discursivo específico.

Aquele que escreve busca realçar pontos centrífugos dentro do seu próprio texto, fazendo uma domesticação dos sentidos e a sua instrumentalização. O texto que é retrabalhado por seguidas edições, por sua vez, adicionado constantemente de prefácios e notas, reforça a possibilidade de sua incompletude e maleabilidade infinita, podendo ser acrescido de novos enunciados, indefinidamente. (Orlandi 1990, pp. 102-104).

O relato de viagem não traz em si somente uma descrição de lugares exóticos ou costumes estranhos, mas a fusão entre dois mundos, em que a linguagem e o espaço se mesclam na constituição de um novo alicerce simbólico, espaço no qual o pensamento humano possa produzir uma ordenação entre os seres, uma classificação que possibilite, através de similitudes e diferenças, uma apropriação total.<sup>3</sup>

O olhar europeu, ao longo dos séculos, estrutura-se objetivamente, na observação e relato das especificidades das terras longínquas, inventariando e inventando, tornando o distante, o exótico e o diferente em algo passível de ser imaginado e decifrado em seu sentido e utilidade.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> O inventário do mundo vivo, por exemplo, que acompanha as explorações e os descobrimentos geográficos, se amplia desmedidamente: não pode enumerar como em nossos dias cerca de 35.000 seres vertebrados e 570.000 invertebrados (entre os quais 500.000 espécies de insetos), mas é capaz de ultrapassar de longe o catálogo de Aristóteles que não compreende mais do que 500 tipos de animais. (De-launay 1960, p. 160).

<sup>4</sup> Sendo comum as relações entre as realidades e naturezas européia e americana criarem muitas mitificações e enganos. "Parece provável que Colombo se tenha

A proliferação de relatos de viagens respondia a uma curiosidade do homem europeu sobre o outro, o que ocorria devido à substituição definitiva da narrativa fantástica por outra que enfatizava cada vez mais a precisão descritiva, havendo um aprimoramento discursivo, vinculando o visto e vivido a uma lógica de objetividade e empirismo.

Essa transição do fantástico para o descritivo, deixa transparecer não só a busca de um sentido discursivo, mas também a relação do narrador com o seu tempo, o que caracteriza diferentes percepções do mundo e limitações históricas do olhar, ou seja, “significados do que a vista pode captar, criando ou descrevendo, recortando objetos do contexto, ou compondo novos contextos.” (Theodoro 1996, p. 76)

Esse aprimoramento discursivo vai sendo lapidado à medida que vai se difundindo na imprensa européia, que transforma muitos desses relatos em obras de ampla circulação para os padrões da época, o que demonstra a existência de uma reserva de ávidos leitores interessados cada vez mais nas novidades trazidas pelos navegadores, detentores de uma curiosidade a respeito dessa diferenciada construção lógica e seus novos significados.<sup>5</sup>

---

deixado dominar, neste passo, pelo mesmo engano que então, e ainda mais tarde, há de levar muitos europeus a procurar ver no Novo Mundo algumas das espécies vegetais ou animais que já lhes seriam familiares. (...) Nem por isso é menos exato dizer que a convenção literária dos motivos edênicos, onde a narrativa bíblica se deixara contaminar de reminiscências clássicas (mito da Idade do Ouro, do Jardim das Hespérides...) e também da geografia fantástica de todas as épocas, veio a afetar decisivamente aquelas descrições.”(Holanda 1977, p.16)

<sup>5</sup> “A imprensa, a chegada à Europa dos manuscritos orientais, o aparecimento de uma literatura que não era mais feita pela voz ou pela representação nem comandada por elas, a primazia dada à interpretação dos textos religiosos sobre a tradição e o magistério da Igreja – tudo isso testemunha, sem que se possam apartar os efeitos e as causas, o lugar fundamental assumido, no Ocidente, pela Escrita. Doravante, a linguagem tem por natureza primeira ser escrita. Os sons da voz formam apenas sua tradução transitória e precária. O que Deus depositou no mundo são palavras escritas; quando Adão impôs os primeiros nomes aos animais, não fez mais que ler essas visíveis e silenciosas; a Lei foi confiada a Tábuas, não à memó-

O discurso sobre a América vai se estruturar em três momentos distintos, através de três eixos dinâmicos e inter-relacionados: no primeiro, ocorre a interpretação imediata e utópica dos fatos, “a realidade que se quer ver”; no segundo, a realidade se impõe e questiona o afirmado – criando crises de paradigma – e no terceiro, há um processo de reelaboração para afirmar-se um paradigma que, simultaneamente, dê espaço à visão utópica e absorva a desordem criada pela ruptura imposta pela realidade. (Mendoza 1995, p. 410).

Os diferentes relatos, que se encontram sob o rótulo de “literatura de viagens”, constituir-se-iam para o público que os recebeu, como históricos e também como crônica para entretenimento, duplo aspecto que explica sua promoção e aprovação pelos editores e leitores.

O ritmo monótono do cotidiano, atravessado pela regularidade e repetição desperta o desejo do imprevisível, cria a esperança do extraordinário e do admirável. O leitor evoca, segundo Giucci (Giucci 1992, pp. 87-88), o desejo de participar da ilusão dos contrários, transferindo a expectativa pessoal do viajante para seus próprios desejos de aventura, rompendo, desta forma, a mediocridade de sua própria sociedade, apagando sua realidade imediata, tornando exequível o inalcançável buscando compensar frustrações cotidianas. O relato de viagem surge, então, como uma libertação em que a fantasia de ser um outro diferente amplia horizontes, minimiza dores e renova expectativas, enquanto permite visualizar uma alteridade espetacular descortinada pelo seu desterro ficcional.

O imaginário do século XVI estabelece uma forma de conhecimento em que a idéia de ordem e regra ainda não está estruturada como um referencial obrigatório – ao contrário, há “um conhecimento misturado e sem regra, onde todas as coisas do mundo se podiam aproximar ao acaso das experiências, das tradições ou das credulidades” (Foucault 1985, p.66).

---

ria dos homens; e a verdadeira Palavra, é num livro que a devemos encontrar.” (Foucault 1985, pp. 54-55)



Os intensos movimentos de aproximação e afastamento entre a realidade européia e a americana se constituiriam, portanto, em um esforço de reconhecimento e apropriação, que permitiria um manuseio da nova realidade e do novo espaço, além de uma justificativa de ação.

## 2. Os viajantes

A análise de textos literários sempre toca na interpretação subjetiva do leitor, e dessa forma permite que o mesmo texto seja apreendido das mais diversas formas<sup>6</sup>, ocorrendo uma multiplicidade de visões, que poderá ser percebida em qualquer obra, tanto na análise das narrativas dos viajantes pelo Brasil colonial como, por exemplo, no caso de *A Metamorfose*, sobre a qual:

“(...) Gustav Janouch, um amigo de Kafka, leu-a como uma parábola religiosa e ética; Bertold Brecht julgou-a como obra do 'único escritor realmente bolchevista'; o crítico húngaro György Lukács considerou-a produto típico de um burguês decadente; Borges leu-a como narrativa que reconta o paradoxo de Zeno; a crítica francesa Marthe Robert viu na obra um exemplo da clareza da língua alemã; Vladimir Nabokov considerou-a (em parte) uma alegoria da *Angst* adolescente.” (Manguel 1997, p. 113)

O relato de Jean de Léry, originalmente intitulado *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, aparece na França em 1578, descrevendo o que ele

---

<sup>6</sup> O esforço de análise muitas vezes produz uma distorção da famosa frase de Buffon: “O estilo é o homem”, notada com muita clareza em alguns enfoques “psicanalíticos” nas artes, que “levou a suposições de que as formas inflamadas das pinturas de El Greco são provas de astigmatismo, as longas frases dos romances de Proust provas de asma, a retórica das peças de piano de Lizt provas de sangue cigano, e os ângulos retos da arquitetura de Mies van der Rohe provas de sutil totalitarismo.” Ou no ápice dessa tendência, quando a especialista em literatura Caroline Spurgeon, utilizando-se das imagens usadas por Shakespeare concluiu que o poeta era: “um homem de físico bem constituído e compacto, provavelmente de tipo franzino, extraordinariamente bem coordenado, de corpo ágil e lépido, vista rápida e aguçada (...) provavelmente de pele boa e corada, rubor que na juventude ia e vinha com facilidade (...) muito sensível à sujeira e a maus odores (...) gentil, delicado, honesto, corajoso e verdadeiro.” (McMullen 1994, p. 218)

teria presenciado em expedição à malograda França Antártica. O texto é extremamente representativo, quer como exemplo de relato erudito do Renascimento francês (que se utiliza muitas vezes de modelos da Antiguidade Clássica para estabelecer uma valorização positiva dos homens do Novo Mundo), quer pela forma, já que é uma das primeiras narrativas no processo de invenção do Brasil no século XVI, (e que tem sido levado adiante nos séculos seguintes, quer pelo surgimento de outros relatos, quer pelas releituras dos já existentes).<sup>7</sup>

Esse missionário, nascido de origem humilde em Il Margelle, na Borgonha, no ano da graça de 1534, tinha como ofício a confecção de sapatos e, precocemente, se converteu ao calvinismo, o que lhe valeu perseguições, um rápido exílio em Genebra e a posterior incorporação à missão de colonização da França Antártica.

Durante dez meses, ele e seus iguais, viverão no Forte Coligny sob as ordens e a proteção de Villegagnon, e após a ruptura entre os dois grupos, viverá ainda, entre novembro de 1557 e janeiro de 1558, na hospitalidade tupinambá, da qual só sairá para uma dramática volta a Genebra.

Após venturas e desventuras, como a participação e a sobrevivência na resistência da cidade de Sancerre, cercada quase um ano pelos católicos durante as guerras de religião e seu cortejo de horrores, ele escreverá dois livros: o primeiro, sobre o do cerco à cidade, em que defende a fé calvinista e justifica seu papel como negociador no episódio, o segundo, sobre sua viagem à terra do Brasil.

---

<sup>7</sup> Vejamos o perfil do missionário feito por Sodré (Sodré 1960, p.322): “Jean de Léry nasceu em 1534. De origem humilde, simples sapateiro, ascendeu com grande esforço no campo do conhecimento. Veio ao Brasil em 1557, colaborar com Villegagnon, regressando no ano seguinte. Seu livro apareceu em 1578, em la Rochelle. Já em 1580, em Genebra, aparecia a segunda edição; a terceira é de 1585, a quarta de 1594, a quinta de 1599, a sexta de 1600. A edição Lemerre, de 1878, preparada por Gaffarel, foi calcada na segunda. (...) A tradução indicada merece toda confiança. Contém o colóquio na língua brasílica e notas tupinológicas de Plínio Ayrosa. Léry faleceu em 1611. Seu livro tem valor etnográfico, histórico e até musical.”

“Publiée en 1578 à Genève, et la même année sous la fausse adresse de La Rochelle, *l'Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* constitue la somme d'une vie et, par le regard nostalgique qu'elle porte sur les enfances de l'humanité, une oeuvre unique dans la littérature européenne de la Renaissance. Dans l'immédiat elle réplique aux assertions calomnieuses répandues par André Thevet, le catholique cosmographe des rois de France, sur le compte des “Genevois” du Brésil, qui auraient été cause de la perte de la colonie. Il s'agit donc pour Léry de rétablir une vérité et de laver de tout soupçon la mémoire des trois martyrs immolés au Nouveau Monde pour la défense de la foi calviniste. Une fois de plus, par conséquent, l'autobiographie est inséparable de l'apologie militante, et le récit de vie étroitement solidaire de la défense et illustration de la Cause outragée. Mais ce qui, chez tout autre, aurait donné lieu à un exposé dogmatique sans grâce ou à un pamphlet acide, comme il en fut beaucoup publié à l'époque, devient, par la vertu d'un style “naïf” et, plus encore, d'une passion communicative pour le Brésil et ses habitants “naturels”, le premier essai d'anthropologie digne de ce nom publié en France.” (Lestringant 1994B)<sup>8</sup>

O relato é aumentado progressivamente, ao longo de seis edições sucessivas; é distribuído em algumas edições em latim por toda a Europa, enquanto seu autor exerce a profissão de pastor, até morrer contaminado pela peste em 1613.

---

<sup>8</sup> Publicado em 1578 em Genebra, e no mesmo ano debaixo do falso endereço de La Rochelle, a *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* constitui a soma de uma vida e, pelo olhar nostálgico que lança sobre as infâncias da humanidade, um trabalho sem igual na literatura européia do Renascimento. De imediato faz uma réplica direta às afirmações difamadoras derramadas por André Thevet, o cosmógrafo católico dos reis de França, que culpa os reformados genebrinos pela perda da colônia no Brasil. Está a cargo de Léry restabelecer a verdade e lavar de toda a suspeita a memória dos três mártires imolados no Novo Mundo para a defesa da fé calvinista. Mais uma vez a autobiografia é inseparável do discurso militante, e a narração do vivido se torna interdependente da defesa da causa ultrajada. Mas aquilo que teria conduzido a uma exposição dogmática sem graça ou para um folheto ácido por qualquer um, como muitos dos publicados na época, o relato se torna, pela virtude de um estilo ‘ingênuo’ e por causa de uma paixão comunicativa para o Brasil e seus habitantes ‘natureis’, o primeiro ensaio de antropologia merecedor deste nome publicado na França.” (Lestringant 1994B) (Tradução do autor.)

O texto de Léry, tantas vezes comparado a Montaigne, “se recomenda pela imparcialidade com que descreve a vida e os costumes dos tupinambás, pela agudeza de sua observação e, ainda, pelo sabor de seu estilo”. (Apresentação de Sérgio Milliet, in Léry 1972, p. XV).

Afirmando diferentes identidades, em diferentes lugares e momentos, o discurso de Léry é o discurso fragmentado do colonizador, do crente e do perseguido, em que as identidades se movimentam constantemente, se tocam, se chocam, se completam.

O discurso mergulha nas águas do poder, do poder de explicar uma (outra) cultura e ao mesmo tempo silenciar certos sentidos, ou melhor, não deixar, assim, que se afirmem outras formações discursivas.

Orlandi (1990) estuda os prefácios e as notas das seguidas edições de alguns viajantes que entraram em contato com o índio brasileiro no século XVI, inclusive o relato de Léry, e identifica nesses excertos aquilo que Foucault chama de “comentário”, ou seja, uma “repetição mascarada” que reafirma o texto, e que ocupam não o lugar de um discurso sobre o discurso, mas de um discurso paralelo.<sup>9</sup>

O viajante do século XVI, inevitavelmente terá seu discurso impregnado pelos referenciais renascentistas em que se nota um esforço pela estruturação de uma “História Natural”, colecionando imagens e estabelecendo entre elas relações de semelhança e contigüidade, em que as imagens são fundamentadas por analogias e aproximações, “em cuja linguagem simbólica predomina o exercício substitutivo das metáforas”. (Belluzzo 1996, p. 17).

Essa linguagem simbólica reflete um embate entre impulsos de construção simbólica (o indefinido campo do desconhecido, os símbolos e mitos, os contos maravilhosos e as fábulas) e a experimentação (da qual a construção geográfica é um exemplo soberbo, pelo destaque dado à observação

---

<sup>9</sup> A edição utilizada por nós (Lery 1972) contém as notas de Gaffarel, o Colóquio na língua brasílica e notas tupinológicas, notas e comentários de Plínio Ayrosa, além impecável tradução do texto por Sérgio Milliet, assim como de ilustrações da edição original e de outras subseqüentes.

direta e ao cálculo que possibilitam ao navegador apreender o desenho do mundo, depurado do fantástico).

Nesse embate entre o simbólico e a experimentação, é frequente o assombro com o qual os observadores do Novo Mundo, ainda desconhecido, mencionam as “coisas da natureza” e sentem-se atraídos pelos animais e vegetação estranha e exótica, além das populações aqui encontradas.

### 3. Aikó Rery-usú. Eikó “Toioupinambaouls”.<sup>10</sup>

O texto de Léry não se vincula ao caráter etnocêntrico costumeiro dos relatos de viagem, no qual o olhar europeu busca identificar o indígena como um homem incompleto ou como uma inversão da sua cultura, sendo, na verdade, totalmente ausente o mecanismo de identificação do novo com o velho mitigado, tanto pelo seu elevado grau de relativismo e tolerância, como pela visão positiva que ele atribui a uma série de características desse outro.

O europeu chega ao Novo Mundo trazendo o repertório de imagens, símbolos e técnicas que vão confrontar-se com uma realidade dividida entre o imaginado e o real.

No texto de Léry, por exemplo, podemos destacar a forma como ele descreve o pau-brasil, chamado de arabutan, ibirapitã ou como pau-de-tinta, através da aproximação e do afastamento com o que é familiar:

“Devo começar pela descrição de uma das árvores mais notáveis e apreciadas entre nós por causa da tinta que dela se extrai: o pau brasil que deu nome a essa região. Essas árvores que os selvagens chamam de arabutan engalha como carvalho das nossas florestas e algumas há tão grossas que três homens não bastam para abraçar-lhe o tronco (...) Voltando ao pau-brasil, direi que tem folhas semelhantes às do buxo, embora de um verde mais claro e não dá frutos. Quanto ao modo de carregar o navio com essa mercadoria, direi que tanto por causa da dureza, e conseqüente dificuldade em derrubá-la, como por não

---

<sup>10</sup> Eu sou Ostra Grande. Sejas Tubinambá. (“Rery-usú” foi a forma como Jean de Léry se identifica em seu colóquio com os tupinambás).

existirem cavalos, asnos nem outros animais de tiro para transportá-la é ela arrastada por meio de muitos homens; e se os estrangeiros que por ai viajam não fossem ajudados pelos selvagens não poderiam nem sequer em um ano carregar um navio de tamanho médio.” (Léry 1972, pp. 123-124).

O relato, portanto, afirma e redimensiona a tradição de origem, suas razões, valores e objetivos, criando uma fusão entre presente e passado, mundo novo e tradição, o “eu”, o “outro” e seus contextos de referência.

O contato entre o europeu e os nativos americanos, no século XVI, força o conquistador-colonizador a criar regras de observação que sejam capazes de traduzir as novas relações que se formam a partir dessa nova realidade, sendo a própria elaboração de gramáticas indígenas uma forma de, a partir da comunicação lingüística, consolidar laços, quer de entendimento, quer de dominação.

As imagens que foram criadas sobre os primitivos habitantes do Brasil eram permeadas por diferentes significados, oscilando entre o bom selvagem e a maldade bestial, imagens reforçadas pela iconografia (Leite 1996, pp.36-38; Belluzzo 1996, p. 12) e pelas narrativas de viagem.

De todos os hábitos e costumes dos povos do Novo Mundo, o canibalismo é aquele que causou maior espanto, enredando uma série de discussões filosófico-religiosas sobre as características desses homens que ora se assemelhavam a descendentes de Adão e Eva que ainda viviam em uma Idade do Ouro perdida, de beleza física e nudez, longevidade e saúde, sem propriedade privada ou governo, ora a pouco mais do que bestas-feras, que mereceriam, inclusive, a escravização e o extermínio. (Leite 1996, p. 35).

A antropofagia, portanto, ocupa partes significativas em diversos relatos de viajantes que vieram ao Brasil no século XVI, e esse insólito costume é facilmente convertido na marca da diferença, e é tal marca que permite a apreensão da distância, e, ao mesmo tempo, converte-se no “comum” dos “outros”, naquilo que todos múltiplos outros têm em comum.

Esse costume assustador aparecerá com insistência e destaque na verdadeira história dos selvagens nus e ferozes devoradores de homens, de Hans Staden, de 1556, que feito prisioneiro pelos canibais durante 7 anos, narra durante vários capítulos os pormenores da preparação da cerimônia em que vai ser devorado, no relato de viagem já citado de Pero Lopes de Souza, de 1530, assim como nas descrições de André Thévet, de 1557, sobre o canibalismo dos tupinambás e que se tornou um dos eixos do sensacionalismo da diferença nestes textos dos meados daquele século, e inevitavelmente no próprio texto de Jean de Léry, de 1578 (sobretudo pela relação, entre os dois autores franceses, que se estabelece por aproximação e distanciamento entre a antropofagia e a eucaristia).<sup>11</sup>

O olhar de Léry volta-se para a conjunção de fatores quantitativos, como o tamanho e a variedade, e qualitativos, como a anatomia, a textura e a cor das peles ou o gosto da carne para forjar uma descrição. Essa exposição

---

<sup>11</sup> Segundo Mircea Eliade (1989:33-34) “sobretudo entre os mais antigos cultivadores de tubérculos (não de cereais), as tradições relativas à origem da actual condição humana revestem-se de uma expressão dramática. Segundo os seus mitos, o homem é o que é hoje - moral, sexuado e condenado ao trabalho - em consequência de um assassinio primevo: *in illo tempore*, um ser divino, muitas vezes um rapazinho ou um Homem, deixou-se imolar para que as árvores frutíferas e os tubérculos pudessem crescer a partir do seu corpo. Esse primeiro assassinio transformou radicalmente a maneira de ser da existência humana. A imolação do Ser Divino inaugurou a necessidade da alimentação e a fatalidade da morte e, assim, a sexualidade, o único meio de assegurar a continuidade da vida.

O autor considera que é nesse estágio da cultura que se encontra o canibalismo ritual, em suma, o comportamento espiritualmente condicionado do Bom Selvagem. A grande preocupação do canibal parece ser de ordem metafísica – não deve esquecer o que se passou *in illo tempore*. Evidencia assim, e os documentos deixam-no entrever, o sentimento religioso da antropofagia, a responsabilidade assumida. Não é, portanto, um comportamento ‘natural’ do homem primitivo (aliás, não se situa aos níveis mais primitivos da cultura), mas um comportamento cultural, baseado numa visão religiosa da vida. Para que o mundo vegetal possa continuar, o homem deve matar e ser morto. Por outro lado, ao comer partes do corpo do inimigo, ele adquire a sua coragem, valentia e força.” (Eliade 1989, pp.33-34).

circunstanciada, no entanto, reflete constantemente a matriz européia, tanto pela aproximação quanto pelo afastamento.

O animal americano é algo semelhante ao europeu, mas ao mesmo tempo, é completamente diferente, pois se inexistisse aqui qualquer espécie “em tudo e por tudo semelhante” às que existem lá, é possível, no entanto, estabelecer relações de proximidade, como parentesco, como na “vaca-asno” (a anta), o “javali do país” (a queixada), ou esse animal que tem corpo de leitão e cabeça e orelhas de lebre, a cotia.

O olhar de Léry também possui uma especificidade curiosa, quase fazendo uma ponte entre o conhecimento renascentista – no diletantismo com que o saber justificava a si mesmo como um fim e na ambição universalista como a das histórias naturais que abarcavam mitologia, botânica, heráldica, entre outros temas que pudessem envolver o objeto do conhecimento – e o racionalismo moderno, pela valorização do experimentalismo e pelo aspecto utilitário do conhecimento, em que não basta ao europeu vislumbrar a natureza americana, deve ser capaz de percebê-la como útil.

Também chama a atenção o vínculo da descrição com a língua tupi, ponto obrigatório de contato a partir do qual qualquer aproximação é possível, partindo da domesticação das palavras diluídas na descrição da natureza e criando-se um discurso autorizado sobre ela, e um direcionamento no direito da fala.

Em relação à sexualidade, Foucault revela uma interessante percepção ao negar o discurso repressivo, substituindo tal hipótese pelo “dispositivo da sexualidade”, ou seja, pela identificação não da construção de uma repressão sexual, mas ao contrário, pela multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder, permitindo a “produção do sexo”. (Foucault 1980).

Tal idéia poderia ser seminal quando lançada no campo dos discursos sobre a natureza, a fim de perceber-se uma homogeneidade de discursos capaz de articular-se dentro de uma heterogeneidade de visões – a planta, por



exemplo, passa a ser coisificada e descrita, ao mesmo tempo em que se torna apreensível por diferentes saberes (o vocabulário, a nomenclatura científica, o uso prático, suas origens e conseqüências, entre outros).

Descrever o novo passa a ser identificar através do velho, o que traz a percepção de uma incômoda simultaneidade, que pela aproximação se inclui e pelo afastamento se exclui.

A descrição da preguiça<sup>12</sup> é emblemática como exemplo do jogo de aproximação, enquanto a do tamanduá, mostra o outro momento, o afastamento:

“O maior, chamado *hay* pelos selvagens é do tamanho de um cão-d’água grande e sua cara de bugio se assemelha a um rosto humano; tem o ventre pendurado como o da porca prenhe, o pelo pardo-escuro como a lã do carneiro preto, a cauda curtíssima, as pernas cabeludas como a do urso e as unhas muito longas. Embora seja muito feroz, no mato, facilmente se amansa.” (Léry 1972, p. 102).

“O outro animal a que me refiro e ao qual os selvagens chamam coati é do porte de uma lebre grande, tem pelo curto, reluzente e mosqueado, orelhas pequenas, eretas, pontudas; a cabeça é pouco volumosa e o focinho, que começa nos olhos tem mais de um pé de comprimento; redondo como um bastão afina de repente conservando a mesma grossura desde cima até perto da boca, a qual é tão pequena que nela cabe apenas a ponta do dedo mínimo. Não me parece que exista algo mais extravagante ou monstruoso do que esse focinho semelhante a um canudo de gaita de foles. Quando apanhado, conserva os quatro pés juntos, caindo sempre para um ou para outro lado ou se esparramando no chão, de sorte que ninguém pode mantê-lo de pé; só se alimenta de formigas. (...) Por ser tão estranho, em comparação com os animais da Europa, mais de uma vez pedi a um tal João Gardien, perito desenhista da nossa comitiva, que mo desenhasse juntamente com outros animais desconhecidos na Europa; infelizmente ele nunca me atendeu.” (Léry 1972, p. 103)

---

<sup>12</sup> A preguiça suscitou curiosas descrições, com visíveis exageros em vários relatos dos viajantes, quer pela extrema lentidão que lhe é atribuída (dois dias para subir e dois dias para descer de uma árvore: ex.) ou pela aparência quase humana de seu rosto.

A diversidade da fauna e suas discrepâncias com os modelos europeus é tamanha que o narrador percebe a insuficiência das palavras na criação de representações fidedignas, por serem poucas ou impróprias, sentindo a necessidade de fortalecer sua narrativa com as imagens de um ilustrador, que, infelizmente, não o atendeu.

Léry se pauta pelos verbos ativos – pratiquei, vi, ouvi, observei – que se complementam, permitindo a apreensão vivencial da diversidade de formas, de fauna e de flora, de clima e de gentes.<sup>13</sup>

No capítulo XIII do livro, dedicado à flora, inicia-se com uma descrição do “arabutan”, o pau-brasil, que deu nome a essa região, e que criava um claro contraste com o texto de Thevet, em sua *Cosmografia*. Léry afirma que a árvore “engalha como o carvalho das nossas florestas e algumas há tão grossas que três homens não bastam para abraçar-lhe o tronco (...), direi que tem, folhas semelhantes às do buxo embora de um verde mais claro, e não dá frutos”, enquanto o cosmógrafo observa “Não posso deixar passar o erro de um indivíduo que a propósito do Brasil afirmou não ser essa árvore nem grande e nem reta, mas que se assemelha a uma espécie de carvalho... Sua descrição tanto corresponde à árvore brasileira quanto à de uma macieira”. (citado por Gaffarel em Léry 1972, p.123).<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> “Quanto à inquietude provocada pela imaginação em torno da separação entre o homem e o animal, Thevet não só dedica um capítulo para explicar não serem as criaturas da França Antártica peludas; crê em monstros de aparência humana, sátiros, ninfas, e os compara aos disfarces do espírito maligno para iludir os homens. Já, que confia nas suas observações, não teria visto monstros marinhos nas travessias ou animais com fisionomia humana. Admite-os na imaginação, no sonho, constando nas ilustrações de seu livro homens e animais açoitados pelo demônio”. (Belluzzo 1997, p. 332).

<sup>14</sup> Nesse trecho Gaffarel vê no texto de Thevet um ataque à Léry, o que parece ser uma impossibilidade uma vez que as obras do primeiro (*Singularités de la France Antarctique*, publicada em 1556 ou 1558, e *Cosmographie Universelle*, em 1575) antecedeu a do segundo (de 1578 a primeira edição, e uma segunda, ampliada, de 1580). Anteriormente, quando Gaffarel faz pequena biografia de Thevet, reafirma que nas obras do franciscano (*Singularités* e *Cosmographie*) este “não

*Os diferentes olhares questionam-se e colocam no centro de uma disputa o cerne da árvore, como se houvesse um que fosse despido de qualquer subjetividade, em uma disputa em que estaria centrada na questão: quem é o detentor da objetividade?*

A descrição da bananeira e de seu fruto demonstra um minucioso esforço de enumeração de suas características, como se quisesse que o seu leitor fosse capaz de quase materializá-la diante de si, imaginar sua resistência à lâmina de uma espada, perceber a forma, a cor, o sabor e a disposição de seus frutos, relacionar tais frutos com a história européia, e com outra planta conhecida e classificada no Velho Mundo, embora ainda preserve a sua especificidade:

“A *pacoére* é um arbusto que tem geral de dez a doze pés de altura; o tronco, embora às vezes da grossura de uma coxa de homem é tão mole que com uma espada bem afiada pode ser cortado de um só golpe. O fruto, a que os selvagens chamam *pacó*, tem mais de meio pé de comprimento e se assemelha ao pepino, sendo como este amarelo, quando maduro. Crescem de vinte a vinte e cinco unidos em um só cacho e os nossos americanos colhem tantas pencas quantas podem carregar nas mãos para as suas casas. A fruta é boa; quando chega à maturidade tira-se-lhe a casca como o figo fresco e sendo gomosa como este parece que se saboreia um figo. (...) Conta a história que Catão de volta de Cartago para Roma, trouxe figos de espantosa grandeza mas como os antigos não mencionam esses a que me refiro, é provável que não fossem tão grandes. Quanto à forma, as folhas da pacoveira se assemelham às do *lapathum aquaticum*, são porém tão grandes que têm em geral seis pés de comprimento por mais de dois de largura e creio que nem na Europa, nem na Ásia, nem na África se encontram folhas maiores. (...) É verdade que as folhas de pacoveira não são espessas na proporção do tamanho; ao contrário, são delgadas e sempre eretas, e quando o vento é um pouco mais violento, como acontece freqüentemente na América, só o talo central oferece resistência; as partes laterais despedaçam-se por tal forma que, vistas de longe, parecem as folhas grandes penas de avestruz revestindo o arbusto.”(Léry 1972, pp, 129-130).

---

cessa de invectivar a História da viagem ao Brasil, de Léry.” (Léry 1972, p. 2, nota 19)

Tal descrição é um exemplo do exercício de percepção e linguagem desenvolvido pelo narrador ao longo de todo o relato, em que as aproximações e os afastamentos são uma constante, e em que busca a partir de uma apropriação sensorial criar uma ligação entre coisas tão iguais e tão diferentes, entre o tão desejado e tão inacessível.

“Não existem na América quadrúpedes, aves, peixes ou outros animais completamente idênticos aos da Europa; não vi tampouco árvores, ervas ou frutas que não divergissem das nossas, à exceção da beldroega, do manjeriço e do feto que vive em vários lugares, como pude observar nas excursões que fiz pelas matas e campos do país. Por isso, quando a imagem desse novo mundo, que Deus me permitiu ver, se apresenta a meus olhos, quando revejo assim a bondade do ar, a abundância de animais, a variedade de aves, a formosura das árvores e das plantas, a excelência das frutas e em geral as riquezas que embelezam essa terra do Brasil, logo me acode a exclamação do profeta no salmo 104<sup>15</sup>:

'Ó seigneur Dieu, que tes oeuvres divers  
Sont merveilleux par le monde univers :  
Ó que tu as tout fait par grande sagesse!  
Bref, la terre est pleine de ta largesse.' “  
(Léry 1972, p. 135).

Essa mesma natureza que permitiu a aproximação, o reconhecimento a partir da ligação com a Europa, tanto pela similitude quanto pela descontinuidade entre os quadrúpedes, aves, peixes ou outros animais completamente diferentes e as árvores, ervas ou frutas que divergiam dos conhecidos na Europa; acaba, aos olhos do viajante, esgotando seus aspectos aproximativos, similares.

Este é o momento em que não é mais possível manter o jogo consolante do reconhecimento. É partir dessa exaustão da descrição daquilo que pode ligar o europeu ao índio, a natureza, que inicia-se o corte, o afastamento através da contraposição daquilo que afasta os dois: a cultura.

---

<sup>15</sup> Ó Senhor, quão multiformes são as tuas obras! Todas elas as fizeste com sabedoria; a terra está cheia das tuas riquezas. (Salmos, 104:24)

A natureza é enfocada com minuciosa descrição nos capítulos IX e XIII, mas nos seguintes, dando continuidade ao compromisso do relato com a aventura, inicia-se o movimento da percepção da diferença a partir da detalhada exposição sobre os costumes indígenas na guerra, na antropofagia, no casamento e poligamia, na criação dos filhos, na observação de normas e suas sanções, nas relações de amizade e regras de hospitalidade, na doença, morte e funerais, assim como na religião.

Se a natureza apresenta “a bondade do ar, a abundância de animais, a variedade de aves, a formosura das árvores e das plantas, a excelência das frutas e em geral as riquezas que embelezam essa terra do Brasil”, a cultura, os costumes indígenas, como a antropofagia, demonstram a impossibilidade de que o conhecimento do outro me conduza ao meu reconhecimento nele.

“Saber, mesmo na ordem histórica, não significa ‘reencontrar’ e sobretudo não significa ‘reencontrar-nos’. A história será ‘efetiva’ na medida em que ela reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser. Ela dividirá nossos sentimentos; dramatizará nossos instintos; multiplicará nosso corpo e o oporá a si mesmo. (...) É que o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar” (Foucault 1979, p. 27, grifo nosso)

As incisões vão sendo feitas em cortes profundos, para que cicatrizes indeléveis atraiam os olhares e povoem a memória.

Esse corte, no entanto, ainda permitirá a manutenção da ligação palavra-imagem, buscando-se uma única significação que lhes seja comum. A natureza torna-se, assim, objeto de conhecimento e possibilidade de um auto-reconhecimento.

O olhar do viajante desloca-se como que em busca de aprendizagem pela necessidade de reconhecimento; as palavras refletem a apreensão e a perda, a natureza como objeto externo e como descontinuidade entre América e Europa, e nesse movimento reduz, a novidade ao conhecido.

No texto de Léry articulam-se a relação entre europeu e o índio de uma forma relativista, sendo que em diversos momentos os hábitos e costumes dos selvagens são considerados melhores do que os europeus,

embora, por outro lado, a dicotomia cristão-infiel estabeleça uma clara hierarquia, com predomínio inquestionável do primeiro sobre o segundo, ao mesmo tempo em que certas aproximações também se processem entre as identidades católicas e canibais.

A exploração econômica, por sua vez, nas relações possíveis entre o homem e a natureza (homem-natureza), são pautadas pelo utilitarismo, pela instrumentalização dos recursos naturais enquanto valores de uso (os valores de troca têm uma presença insípida), a natureza é decifrada enquanto fonte de infinitos meios.

No discurso de colonização, sediado dentro do campo do relativismo cultural no texto de Léry, predomina a narrativa literária, que se desdobra em aventura, enquanto na catequese os dogmas teológicos reafirmados constantemente formam o cenário para o enquadramento analítico do índio e do católico, e na descrição do mundo natural para a exploração econômica, afirma-se uma visão proto-científica (empírica e racionalista, mas onde o método ainda está ausente).

“O espaço da experiência parece identificar-se com o domínio do olhar atento, da vigilância empírica aberta apenas à evidência dos conteúdos visíveis. O olho torna-se o depositário e a fonte da clareza; tem o poder de trazer à luz uma verdade que ele só recebe à medida que lhe deu à luz”. (Foucault 1977, p. XIII).

Todo o conhecimento da realidade e da natureza americana desdobra-se na figura do próximo-distante, o qual organiza uma forma de percepção que se origina ainda de múltiplos pontos: a experiência, o texto bíblico, a autoridade dos antigos e o discurso teológico.

Esses pontos vão criando uma imagem dentro de um caleidoscópio, como se a imagem fosse o reflexo de estilhaços que se completam, de rasgas e restos desses discursos que se esfacelam, tocam e repelem conforme o narrador os articula em sua subjetividade.

A natureza permite ao homem europeu a sua vinculação com a América, conectando-se a ela pelo interior de sua linguagem, que se agita entre a

apreensão objetiva das características intrínsecas ao mundo natural e subjetivas do narrador e sua forma de apreensão, unindo “a universalidade da linguagem à forma precária e insubstituível do indivíduo”.

Em *As Palavras e as Coisas*, Foucault coloca uma grande questão sobre essa imbricação entre a subjetividade e a objetividade, discutindo até que ponto o humanismo repousa num campo epistemológico cujo princípio é visual.

“(…) a linguagem se faz filologia e se desvanece esse discurso clássico onde o ser e a representação encontravam seu lugar-comum, então, no movimento profundo de uma tal mutação arqueológica o homem aparece com sua posição ambígua de objeto para um saber e de sujeito que conhece: soberano submisso, espectador olhado...” (Frayze-Pereira 1995, pp. 154-156, grifo nosso)

A ampliação dos espaços na América, não explorados e desconhecidos, permite então uma nova visibilidade da natureza, criando-se “espaços de uma visibilidade construída” que tornam evidentes certos aspectos da própria Europa, originando uma problematização em que se é obrigado a fazer com que o ver e o falar atinjam seus limites próprios, de tal forma que os dois estejam no limite comum que os relaciona um ao outro, separando-os. Pensar é questionar, responder é fazer com que visão e fala se toquem nas condições em que se constroem sentidos e propósitos.

No esforço de reflexão de um sapateiro, em uma terra distante, se entrevê a construção de um labirinto, onde em cada corredor somos desafiados a vislumbrar certas causas e seus efeitos, a diversidade das criaturas, os acasos, os diferentes discursos, algumas sabedorias e outros segredos ocultos que são impossíveis de serem enumerados.

#### **4. Conclusão**

No livro de Jean de Léry podemos perceber um discurso com ênfase descritiva e realista, estruturado em ordem cronológica, semelhante a um diário, enriquecido com observações etnológicas e um colóquio em tupi-guarani.

Este discurso é tomado pela semelhança, em que se afirma a dimensão da altura, em que a visão se torna vertical e estratifica o que é visto (hierarquiza o sagrado e o profano, o católico e o calvinista, o europeu e o índio etc.).

A partir de diferentes níveis, perpendiculares ao plano do horizonte, também fará uma ligação entre naturezas situadas em diferentes continentes, como se as palavras formassem linhas que ligassem os dois hemisférios.

No discurso unidimensional de Léry percebe-se a fusão entre a admiração pela natureza, o desejo de doutrinação de seus contemporâneos, a priorização do visual, a busca da descrição completa e pormenorizada, além da busca de preservação da memória.

A natureza é ao mesmo tempo nova, inexistindo espécies em tudo e por tudo semelhante aos existentes na Europa, mas detém traços do que já é conhecido, e a fauna e a flora passam a ter dimensões, formas, cores, aromas e sabores em muito semelhantes aos do Velho Mundo.

Essas descrições dos seres e coisas percorrem uma limitada área do litoral do Rio de Janeiro, buscando aproximar através de jogos de *convenientias*, *aemulatio*s, analogias e simpatias, a natureza brasileira e a européia.

Essa aproximação, em que inexistem os modelos de classificação sistemática afirmados pela revolução científica dos séculos seguintes, impede o desenvolvimento de uma análise horizontal, que dê conta de referenciais mais amplos (de profundidade ou comprimento), pois a natureza é ainda um espetáculo, mais do que um problema ou um campo de questionamento.

Nesse enfoque da natureza como espetáculo é que se vêem afirmadas a subordinação do intelecto aos sentidos, em que o vivenciado pela voracidade dos desejos busca orientar-se entre sons, cores, sabores, aromas e texturas.

O inventário da natureza, fundado na narrativa do vivido e da memória, é completamente sensitivo, e plantas, animais e índios são materializados de forma ampliada e modelada, como se cada um deles fosse uma representação tomada do natural, mas lapidada ao gosto europeu.



Enquanto os índios, aqueles homens nus, selvagens e livres, exercem, tanto pelos seus costumes e valores quanto pelas suas formas ou pelos cenários em que se movimentam, intensa atração e repulsa, levam o missionário a desenvolver uma ontologia da realidade, um questionamento do sentido, condições e propósitos das formas de pensamento do mundo no qual ele vive, em uma busca de compreender o outro e a si mesmo.

O passado, na memória, se projeta no presente e o autor, que era ator, na narrativa de caráter confessional utiliza-se dos acontecimentos como instrumentos de interrogação da realidade, se tornando ao mesmo tempo uma testemunha consciente do que passou e um crítico lúcido dos projetos atuais e futuros.

Assim Léry afirma níveis: é sempre melhor ser reformado do que católico e quase sempre é preferível ser europeu do que índio, porque é melhor ser índio do que ser católico.

A hierarquização dentro do jogo de simpatias e diferenças também se manifestará na minuciosa exposição da língua, quando a fala dos nativos será esquematizada em um sistema de sinais apropriados para notação, o qual prepara a aproximação e o afastamento desses sons com os dos idiomas conhecidos, e aquele mundo novo formado por um conjunto de sons articulados ganha significação, se transforma em um conjunto de vocábulos (as representações materiais) e termos (as significações).

A visão se encanta com a fala, e aquilo que é visto é também falado.

A fala no entanto não dispõe de uma nomenclatura com termos técnicos, quer no que diz respeito à morfologia e organografia, quer no que se refere à classificação ou identidade específica, utilizando-se do linguajar do vulgo, com analogias grosseiras e vocabulário figurado, e no caso das novas espécies encontradas no Novo Mundo, a adoção de vocabulários locais (com frequência deformados).

A domesticação das palavras, desses homens presos entre o estado edênico e a perda inevitável, dissolve a natureza em um discurso autorizado sobre ela, onde o direito da fala legitima inclusões e exclusões, sons e silêncios.

A natureza se transforma em sons nativos, mas que escondem traços já conhecidos, e o olhar de Léry qualifica e quantifica o Novo Mundo, estabelecendo uma ligação entre antípodas: o homem e Deus, a América e a Europa, o índio e o homem branco, o português e o francês, os margaiás e os tupinambás, o infiel e o cristão, o católico e o protestante, as dessemelhanças e as semelhanças.

A utilização do esquema de um colóquio para a apreensão da língua indígena demonstra sua perspectiva instrumental, e embora possamos articular críticas à etnologia de Léry, pela forma como descreve a cultura tupinambá segundo os critérios interpretativo, homogeneizador e normativo europeus, e pela forma como constrói uma língua artificial, estruturada a partir de concepções literárias, é inegável a forma como ele rompeu com as limitações de sua época para o entendimento da cultura indígena e para a relativização do outro.

Léry faz, com o Colóquio, um comentário, um deciframento da linguagem enquanto *palavras*, conjunto de vocábulos, buscando nelas as marcas indelévels que permitiram a apreensão de uma ordem.

Essa ordem permitiria a divisão da humanidade em dois grupos, os povos sem escrita, desprovidos de memória histórica e de salvação teológica, e aqueles que podem acumular o passado e encontrar a verdadeira fé.

O texto do missionário francês liga ao mesmo tempo o conhecimento renascentista, o racionalismo e a teologia calvinista, afirmando o conhecimento como um fim em si mesmo e a ambição universalista, valorizando o experimentalismo e o aspecto utilitário do conhecimento, ao mesmo tempo em que une aquilo que Foucault chamou de *eruditio* com o *divinatio*, ou seja, a mistura das palavras dos antigos e das Escrituras com as marcas visíveis que Deus depositou sobre a superfície da Terra.

A crônica de viagem de Léry, inclusive, no seu viés etnográfico, é um desdobramento inevitável da integração dos temas naturais e morais (sobre a ética e os costumes alheios) já presentes nos clássicos romanos (Lucrécio,

em *De Rerum Natura*, Plínio em *Historia Naturalis* e Sêneca em *Naturales Quaestiones*, por exemplo) (Capel 1995, pp.260-261), e fazendo parte de uma antiga tradição recuperada pelo Renascimento, e ampliada pelos referenciais do naturalismo e do experimentalismo.

É interessante perceber em Léry a maneira pela qual a experiência pessoal é mediada pelo texto sagrado, criando uma ponte de ligação entre o “conforme está escrito” e o “como eu vi”, preocupação flagrante em seu texto essa de conectá-lo, de fazê-lo convergir ao texto sagrado. Assim, o ideal calvinista é relacionado à cultura tupinambá, formando uma rica reflexão sobre o encontro de dois mundos e um retrato minucioso dos principais aspectos da cultura indígena (inclusive um vocabulário tupi).

“Mas se esses que tudo aludo não derem crédito àquilo que, do conhecimento de mais de quinhentas pessoas ainda vivas, foi praticado no coração deste reino de França, como haverão de crer nisso que só pode ser visto cerca de duas mil léguas de distância e que comporta tantas coisas incríveis, jamais ainda referidas nos antigos, e que só a experiência pode entender ?” (Léry 1972, p.19)

“E se alguém alegar ter eu ao refutar aqui ao sr. Thévet<sup>16</sup> cometido iguais erros e se me condenarem por usar da primeira pessoa ao descrever os costumes dos selvagens, responderei que se trata de coisas científicas, de experiências, de coisas que talvez ninguém tenha

---

<sup>16</sup> Thevet, André. Monge franciscano, cosmógrafo e cronista francês, que depois de percorrer o Oriente veio ao Brasil com Villegaignon e, de volta à França, publicou, em 1557, um relato de sua viagem ao Brasil (*Les Singularités de la France Antarctique*) sobre a flora e a fauna brasileiras e sobre os incidentes que envolveram o grupo de Léry e o aventureiro francês. “O relato é longo e um tanto descosido, freqüentemente sobrecarregado de interpolações e digressões eruditas. Mas é o primeiro a conter uma descrição minuciosa da flora e da fauna brasileiras e sobretudo dos habitantes do país, os índios tupinambás, aliados dos franceses. (...) Thevet acusou Léry de plágio, provavelmente tinha razão: muitos trechos da obra do segundo parecem glosar as observações do primeiro, mas com maior talento narrativo e descritivo, além de uma enunciação pessoal que confere ao texto emoção e veracidade. Com relação aos índios tupinambás, o que particulariza a descrição de Léry são seus comentários, reveladores de uma notável abertura para a alteridade e a diferença.” (Perrone-Moises 1996, pp. 86-87).

ainda tratado, não com referência não só à América em geral mas ainda ao lugar em que residi durante quase um ano, sob o trópico de Capricórnio entre os selvagens Tupinambás.” (Léry 1972, p. 20)

“Como no ventre de alguns desses peixes acharam-se filhotes, que assamos com leitão, creio que os golfinhos geram fetos como as porcas e não os reproduzem por meio de ovos como quase todos os outros peixes. Entretanto se alguém duvidar do que afirmo, louvando-se antes nos livros do que naqueles que viram a experiência, não o refutarei mas tampouco deixarei de acreditar no que vi.” (Léry 1972, p.37)

“Em verdade poderíamos razoavelmente discutir tudo isso tal como se faz nas academias, o que é muito louvável como exercício para a inteligência mas não pode ser considerado como supremo objetivo como querem os ateus. Quanto a mim, em relação a esse assunto, só acredito realmente no que dizem as Santas Escrituras; procedem elas de quem toda a verdade conhece e é portanto a suprema e indiscutível autoridade.” (Léry 1972, p. 202)

Orlandi (1990) busca esclarecer a distinção entre o discurso histórico, em que há a elaboração humana da relação com o tempo e a memória e o discurso da História no qual há uma ação instituinte, um desdobramento entre o vivido e o relatado, sendo o segundo um subproduto do primeiro.

Essa distinção aponta para uma outra temporalidade que transcende as circunstâncias, onde a História seria organizada não pelo tempo real, mas através da amplitude simbólica desses “objetos de memória”.

Nessa construção discursiva, constituída por esse jogo entre história, ciência, religião e política, o significado histórico do encontro entre o europeu e o Novo Mundo aparece justamente onde não está explicitado pelo relato, mas em suas lacunas, pelas quais podemos perceber outros discursos que levam a diferentes efeitos de sentido.

Qual o sentido do relato quando descreve o índio, seus hábitos e costumes, a natureza com seus múltiplos aspectos e usos possíveis? Está inserido no processo de construção de um significado, em que as relações de poder manifestam-se no jogo de forças entre o discurso de colonização (europeu-índio), de catequese (missionário-infel) e de exploração econômica (homem-natureza).

Os discursos possuem uma complexidade que se desdobra como relato etnográfico, narrativa literária, discurso político e afirmação dogmática, em um funcionamento simbiótico em que cada discurso traz em si a sua relação com os demais, contribuindo igualmente para os seus efeitos de sentido.

Essa diversidade de tons e semitons nos ritmos discursivos não cria uma algazarra, mas antes forma uma cantiga com sutis sobreposições ao longo dos múltiplos processos de produção de sentidos, formando um cantocoral articulado.

Estabelece-se assim, através da afirmação do autor enquanto produtor e objeto do texto, o estatuto de verdade, em que subjetividade e objetividade se mesclam no discurso daquele que, usando uma feliz expressão de Dias (1997), é “autor, narrador, actor, experimentador e objecto da experiência”.

Essa mescla entre a subjetividade do autor e a objetividade do vivenciado permite um “contrato de leitura” que liga emissor e receptor através da utilização da primeira pessoa, de verbos do campo semântico da visão e da apreensão sensorial, assim como dos tempos verbais como o pretérito perfeito e o presente do indicativo e uma profusão de advérbios.

Esse “contrato de leitura” ainda é válido? O texto de Léry, por exemplo, é capaz de arrastar a imaginação de um leitor do final do século XX?

Acreditamos plenamente que sim. Não só porque o século XX viu o surgimento ou consolidação da etnologia enquanto ramo da ciência, mas também pela forma como se tornaram fenômenos da indústria cultural os produtos relacionados com viagens a lugares exóticos, ao contato com a natureza, às aventuras e práticas de esportes radicais.

A literatura de viagem, entre tantos de seus volumes, como o de um homem do século XVI, estranhamente, é capaz de fascinar e estabelecer vínculos com os homens do século XX, ligando a ampliação dos mundos pelas descobertas e pelas suas narrativas ao mundo da vertigem da velocidade e dos estímulos visuais.

A permanência do interesse sobre o relato de Léry demonstra que o texto literário tem-se mantido atraente na contemporaneidade, tem sua acessibilidade garantida pela própria capacidade de apresentar certas características entre aquelas definidas como fundamentais à literatura do novo século, por Italo Calvino (1988): rapidez, leveza, visibilidade, multiplicidade, exatidão e consistência.<sup>17</sup>

## Bibliografia

### • Virtual

DIAS, Ana Paula P. “Diário de navegação de Pero Lopes de Sousa: A representação do real e os filtros da representação”. *Letras & Letras*, PROJECTO VERCIAL, 1997. Disponível em <http://www.ipn.pt/literatura/letras/ensaio39.htm>. Visitado em 18/11/1999.

FERNANDEZ, Bernard. “L’Homme et le voyage, une connaissance éprouvée sous le signe de la rencontre.”, documento do *Acervo Virtual da Paris VIII Université*, s.d. Disponível em <http://www.fp.univ-paris8.fr/recherches/BFernandezVoyage.html>. Visitado em 08/11/1999.

FOUCAULT, Michel. “Truth, Power, Self: An Interview with Michel Foucault - October 25th, 1982” IN: MARTIN, L.H. et alli. *Technologies of the Self: A Seminar with Michel Foucault*, London, Tavistock, 1988, pp.9-15. Disponível em <http://www.ulysses.cwc.net/techne.htm> Visitado em 16/12/1999.

LABORIE, Jean-Claude. “Le Huguenot au Brésil: à travers les documents portugais (1560-1584)”. *Revue de l’Histoire du Protestantisme Français*, novembredécembre-1998. Disponível em <http://www.ceveh.com.br/artigos/protestantism.htm>. Visitado em 04/04/1999.

<sup>17</sup> A interessante idéia de confrontar um texto do século XVI com os critérios de Italo Calvino foi de Simões 1999, que utiliza-se da “Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil”, de maneira extremamente inovadora.

LESTRINGANT, Frank, "França Antártica: Os Hughenotes no Brasil", documento do acervo virtual do *Projeto Vera Cruz 500*, s.d. Disponível em <http://www.veracruz500.org.br/carta/carta25.htm>. Visitado em 11/07/1999.

LESTRINGANT, Frank.. "Préface: Léry ou le rire de l'Indien." IN: LÉRY, Jean de *Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil (1578)*, Paris, Librairie Générale Française, 1994B. Documento do acervo virtual da France Université en line – Association pour la Diffusion Internationale de la Recherche Universitaire. Disponível em <http://imac.u-paris2.fr/fuel/lerly.html>. Visitado em 08/07/1999.

MANCELOS, João. "Dar Novos Mundos ao Mundo": a retórica dos Descobrimentos Portugueses e do Programa Espacial Norteamericano". *Letras & Letras*, PROJECTO VERCIAL, 1998. Disponível em <http://www.ipn.pt/literatura/letras/ensaio48.htm>. Visitado em 07/06/1999.

McHOUL, A. et GRACE, W. "Preface" IN: *A Foucault Primer: Discourse, power and the subject*, Victoria, Melbourne University Press, 1995, pp.vii-xi. Disponível em <http://www.ulysses.cwc.net/McHoul.htm>. Visitado em 16/12/1999.

O'FARRELL, C. "A New Generation of Thinkers" IN: *Foucault: Historian or Philosopher?* London, Macmillan, 1989, pp.1-19. Disponível em <http://www.ulysses.cwc.net/O'Farrell.htm>. Visitado em 16/12/1999.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. 1999. "A Carta de Caminha: História ou ficção?", in *Letras & Letras*, PROJECTO VERCIAL. Disponível em <http://www.ipn.pt/literatura/letras/ensaio10.htm>.

THEODORO, Janice. "A busca de uma natureza humana e a descrição ordenadora das espécies: A América de cronistas e viajantes" IN: documento do *Acervo virtual do CEVEH*, s.d. Disponível em [http://www.ceveh.com.br/artigos/zeron\\_canibais.htm](http://www.ceveh.com.br/artigos/zeron_canibais.htm). Visitado em 24/08/1999.

#### • Imprensa

ALFONSO-GOLDFABER, Ana Maria et MAIA, Carlos A. *História da ciência: o mapa do conhecimento*, Rio de Janeiro – São Paulo, Expressão e Cultura - Editora da USP, 1995.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos Viajantes*, São Paulo, Metalivros, 1994.

- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. "A Propósito d'O Brasil dos Viajantes". *Revista USP*, São Paulo, n. 30, Dossiê Brasil Viajantes, Universidade de São Paulo, pp. 8-19, junho-agosto de 1996.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. "A Imaginação do Desconhecido" IN: BESSOME et QUEIROZ. *América Latina: Imagens, Imaginação e Imaginário*, Rio de Janeiro – S. Paulo, Expressão e Cultura – Editora da USP, 1997, pp. 325-334.
- BESSOME, Tânia Maria Tavares et QUEIROZ, Tereza Aline P. *América Latina: Imagens, Imaginação e Imaginário*, Rio de Janeiro – S. Paulo, Expressão e Cultura – Editora da USP, 1997.
- CAPEL, Horacio. "Naturaleza y Cultura: América y el nacimiento de la Geografía Moderna" IN: ALFONSO-GOLDFARB et alii. *História da ciência: o mapa do conhecimento*, Rio de Janeiro – São Paulo, Expressão e Cultura – Editora da USP, 1995, pp. 247-307.
- CERTEAU, Michel de. "Etnografia - a oralidade e o espaço do outro: Léry" IN: *A Escrita da História*, Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1982, pp. 211-242.
- DELAUNAY, Paul. "As Ciências da Natureza" IN: TANTON, René. *História Geral da Ciência: A Ciência Moderna – O Renascimento*, tomo II, volume 1, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960, pp. 111-167.
- DEL PRIORE, Mary Lucy Murray. "A América no Teatro do Mundo: Uma Cartografia de Imagens" IN: BESSOME et QUEIROZ. *América Latina: Imagens, Imaginação e Imaginário*, Rio de Janeiro – S. Paulo, Expressão e Cultura – Editora da USP, 1997, pp. 499-512.
- ELIADE, Mircea. *Mitos, Sonhos e Mistérios*, Lisboa, Edições 70, 1989.
- ESCOBAR, Carlos Henrique. *Michel Foucault (1926-1984) – O Dossier – últimas entrevistas*, Rio de Janeiro, Livraria Taurus Editora, 1984.
- FADIMAN, Clifton et alii. *O tesouro da Enciclopédia Britânica*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.
- FERREIRA, Antonio Celso. "História e Literatura: fronteiras móveis e desafios disciplinares". *Revista Pós-História*, Assis, v. 4, UNESP, pp. 23-44, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*, Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1977.
- \_\_\_\_\_. "Nietzsche, a genealogia e a História" IN: *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.



\_\_\_\_\_. *História da sexualidade I – A vontade de saber*, Rio de Janeiro, Graal, 1980.

\_\_\_\_\_. *As Palavras e as Coisas*, São Paulo, Martins Fontes, 1985.

FRAYZE-PEREIRA, João Augusto. “Do Império do olhar à arte de ver”. *Revista Tempo Social*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 7 (1-2), pp. 151-162, outubro de 1995

GIUCCI, Guillermo. *Viajantes do Maravilhoso: o Novo Mundo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*, São Paulo, Ed Nacional - Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

\_\_\_\_\_. *História Geral da Civilização Brasileira - O Brasil Colonial*, São Paulo, DIFEL, 1985.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*, São Paulo, Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. “Os objetos da História: uma réplica a Philip Stewart”. *Revista Pós-História*, Assis - SP, pp. 269 – 282, 1996.

LEITE, José Roberto Teixeira. “Viajantes do Imaginário: A América vista da Europa, Séculos XV-XVII”. *Revista USP*, São Paulo, n. 30, Dossiê Brasil dos Viajantes,

Universidade de S. Paulo, pp. 32-45, junho-agosto, 1996.

LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*, São Paulo, Martins – Universidade de S. Paulo, 1972.

LESTRINGANT, Frank. *Le Huguenot et le Sauvage*, Paris, Kincksieck, 1990.

LESTRINGANT, Frank et alii. *Mapping the Renaissance World: The Geographical Imagination In the Age of Discovery*, Los Angeles, University of California Press, 1994A.

LESTRINGANT, Frank. “A outra conquista: os huguenotes no Brasil” IN: NOVAES, Adauto et alii. *A Descoberta do Homem e do Mundo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, pp. 419-440.

MANGUEL, Alberto. *Uma História da Leitura*, São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

McMULLEN, Roy. “O Estilo nas Artes” IN: FADIMAN, Clifton et alii. *O tesouro da Enciclopédia Britânica*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994, pp. 201-227.

MENDOZA, Celina A. Lértora. “Ciencia y Religión en el Siglo XVI. Fe e Razón para uma Misma Empresa” IN: ALFONSO-GOLDFABER, Ana Maria et MAIA, Carlos A. *História da ciência: o mapa do conhecimento*, Rio

de Janeiro – São Paulo, Expressão e Cultura – Editora da USP, 1995, pp. 409-426.

MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. “Os franceses no Rio de Janeiro durante o século XVI”. IN: *Fontes Primárias para a História do Brasil de Origem Francesa*, Rio de Janeiro, Departamento Geral de Cultura da Secretaria de Ciência e Cultura do Estado do Rio de Janeiro, 1986.

NOVAES, Adauto et alii. *A Descoberta do Homem e do Mundo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Terra à Vista – Discurso do confronto: velho e novo mundo*, São Paulo, Cortez, 1990.

PERRONE-MOISÉS, Líela. “Alegres Trópicos: Gonneville, Thevet e Léry”. *Revista USP*, São Paulo, n. 30, Dôssie Brasil dos Viajantes, Universidade de S. Paulo, pp. 84-93, junho-agosto, 1996.

SEIXO, Maria Alzira. “Entre cultura e Natureza-Ambigüidade no olhar do viajante”. *Revista USP*, São Paulo, n. 30, Dôssie Brasil dos Viajantes, Universidade de S. Paulo, pp. 120-133, junho-agosto de 1996.

SILVA, Wilton C. L. “A visão além do alcance: fronteiras e limites da História das Mentalidades”.

*Revista Pós-História*, Assis, UNESP, pp. 115-134, 1999A.

SILVA, Wilton C. L. “Contrato Social e Contrato Natural: algumas considerações sobre sociedade e meio ambiente”. *Revista Em Tempo*, Núcleo Pesquisa sobre Direitos Humanos e Cidadania – Fundação “Eurípedes Soares da Rocha”, pp. 75 – 83, agosto de 1999B.

SILVA, Wilton C. L. *As Terras Inventadas: Discurso e Natureza em Viajantes no Brasil (Léry, Antonil e Burton)*. Assis, Tese de Doutorado em História, UNESP, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. “Os costumes” IN: *O que se deve ler para conhecer o Brasil*, Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1960, pp. 316 - 336.

TANTON, René. *História Geral da Ciência: A Ciência Moderna – O Renascimento*, Tomo II, Volume 1, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1960.

THEODORO, Janice. “Visões e Descrições da América”. *Revista USP*, São Paulo, n. 30, Dossiê Brasil dos Viajantes, Universidade de S. Paulo, pp. 74-83, junho-agosto de 1996.